Delírio e loucura no cinema de terror brasileiro dos anos 1970-80[1]

Leandro de Souza Santos LUZ[2]
Tiago José Lemos MONTEIRO[3]
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O cinema de terror no Brasil se resume, através do senso comum, aos clássicos filmes do Zé do Caixão. As décadas de 1970 e 1980 provam o contrário. Este artigo procura apresentar argumentos para desmistificar a ideia do gênero como algo rígido, fazendo conexões com outros elementos cinematográficos que não são usualmente associados ao terror, como a loucura, o delírio e as alucinações. Assim, poderemos encarar a produção cinematográfica de terror brasileira de uma forma mais ampla e livre de aprisionamentos artísticos.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; cinema brasileiro; gênero cinematográfico; produção; terror.

Introdução

Não há como falar de cinema brasileiro das décadas de 1970 e 1980 sem antes contextualizarmos este período. Seria inútil também discorrer sobre o cinema de terror no país sem entrarmos num acordo prévio sobre o que é esse gênero e o que ele representa. Portanto, como processo para a reflexão dessas questões, gostaria de discorrer sobre alguns aspectos que permearam a produção cinematográfica do Brasil neste período – principalmente o início dos anos 1970 –, levantando algumas questões através de autores que experimentaram essa vivência produtiva e fizeram parte desta época.

A partir desta contextualização podemos estreitar a nossa discussão para o gênero terror, relacionando-o diretamente com o tipo de produção e as condições que esses filmes eram realizados. Para isso, abordarei os fenômenos da loucura, também chamados de delírio, "monstro" ou até mesmo alucinação, muitas das vezes associados ao gênero. Filmes como *Excitação*, de Jean Garrett, *Filme Demência*, de Carlos Reichembach e *A Mulher do Desejo*, de Carlos Hugo Christensen nos ajudaram a entender de que maneira os elementos

[1] Trabalho apresentado na Área 4 – Cinema e Audiovisual, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Bacharelado em Produção Cultural do IFRJ, email: leandroluz23@gmail.com

[3] Orientador do trabalho. Professor do Curso de Bacharelado em Produção Cultural do IFRJ, email: tiago.monteiro@ifrj.edu.br

cinematográficos e as suas características comumente atribuídas aos filmes de terror podem ser subvertidas e deixadas de lado a favor de uma reinterpretação do gênero.

O gênero terror no contexto da produção cinematográfica brasileira de 1970

A década de 1970 no Brasil foi marcada por mudanças políticas radicais e por uma efervescência cultural ligada direta ou indiretamente aos conflitos consequentes das transformações de cunho social no país. A ditadura militar estava em seu auge e o cinema brasileiro sofreu diversas consequências. Após o AI-5, a censura passou a afetar diretamente os filmes produzidos pelo INC (Instituto Nacional de Cinema) – órgão criado em 1966 com o objetivo de subsidiar as produções cinematográficas brasileiras –, que eram obrigados a passar por peneiras cada vez mais finas e proibidos de possuir qualquer teor antimilitar.

O controle ditatorial do cinema brasileiro teve seu marco em 1969, quando foi criada a Embrafilme (Empresa Brasileira de Filmes), principal responsável por todas as mudanças que aconteceriam na produção brasileira. Criada para levar o cinema nacional para o mercado exterior, a Embrafilme acabou sendo um fracasso nesse objetivo, tendo se tornado uma ferramenta de exclusão dos pequenos produtores, já que investia muito mais em filmes de profissionais já conceituados, deixando de dar oportunidade aos cineastas que atuavam de maneira mais independente no mercado. (BARCINSKI; FINOTTI, 1994)

Em paralelo aos filmes produzidos através do financiamento da Embrafilme, uma quantidade considerável de filmes voltados para a exploração do erótico e marcados pela busca do "gosto popular" se consolidou como uma forma de produção. A Boca do Lixo, espaço urbano definido no bairro de Santa Cecília/Luz, onde estavam instalados os escritórios de distribuidores, exibidores nacionais e estrangeiros, foi responsável pela "produção" de gêneros muito populares no Brasil, como o policial, o suspense, o faroeste, etc. (ABREU, 2002)

A discussão sobre o cinema de terror no Brasil entra neste exato contexto. Em sua tese, Laura Cánepa introduz o tema com duas perguntas: *"Existe cinema de horror no Brasil? Além do Zé do Caixão?"* A autora então discorre sobre a falta de acesso mesmo aos filmes do maior expoente do gênero no país – os do cineasta José Mojica Marins – e afirma que sim, existe cinema de terror no Brasil, mesmo além do Zé do Caixão.

> Afinal, num país com grande tradição de violentas histórias sobrenaturais, parece contraditória a suposta inexistência (ou a absoluta inexpressividade

> cultural) de um cinema de horror para além das experiências de um único cineasta, que viveu praticamente no ostracismo por mais de trinta anos, e que somente a partir dos anos 2000 encontrou uma nova oportunidade para filmar. Por isso, julguei oportuno perguntar se a cinematografia nacional ligada ao gênero é mesmo tão pouco relevante quanto se costuma pensar. (CANEPA, 2008)

Se autores como Laura Cánepa já se aventuraram na difícil missão de "mapear" o cinema de horror no Brasil, mesmo à custa de uma possível superficialidade, este trabalho pretende fazer um recorte de um período específico do cinema brasileiro e discutir mais a fundo algumas das questões especificamente relacionadas a esse período cinematográfico que engloba tantas vertentes até hoje lembradas (pornochanchada, filmes de gênero, etc.).

Loucuras, monstros e alucinações – um consenso sobre o gênero

Quando nos dispomos a estudar um determinado gênero cinematográfico, fica impossível fazer qualquer análise antes de definir bem o que é esse gênero e em que contexto ele deve ser enquadrado ao articularmos ideias a seu respeito. Só então é possível elaborar argumentos e contra argumentos para defender uma visão específica sobre o assunto abordado.

O grande problema está exatamente aí, na definição. Se já é difícil formar um conjunto de frases e argumentos que definam o cinema de terror – e olha que uma quantidade considerável de autores já o tentou exaustivamente –, imagine então querer definir o cinema de terror feito no Brasil, terra de comédias televisivas, melodramas trágicos a la Nelson Rodrigues, produções de gênero da Boca do Lixo e pornochanchadas. Ainda assim, autores tiveram o esforço de pelo menos mapear esse cinema que muitas das vezes ficou à margem da consagração crítica e popular.

Para além das complicações que trazem a definição de um gênero, esbarramos, sobretudo, com o conceito de loucura. A partir do século XVI a loucura passa a ser definida como "tudo o que está fora dos padrões da sociedade". Antes disso, entendia-se por loucura algo místico, transcendental. Portanto, podemos inferir que este fenômeno é uma construção social e que seu significado é mutável. Deste modo, a loucura representaria tudo o que não se encaixa nos padrões, o indomável. (FOUCAULT, 1997)

A partir desta explanação sobre o fenômeno da loucura, podemos compreender de que maneira ele pode estar associado ao "medo" que os filmes que se apropriam deste elemento são capazes de causar no espectador.

Mesmo com dificuldade em definir o cinema de horror – não pretendo desmistificar o gênero e traçar uma definição incontestável, mas sim estabelecer um consenso de ideias e argumentos –, gostaria de citar aqui três elementos que costumam permear o imaginário horrorífico do espectador brasileiro (e internacional, no geral) e tentar relacioná-los com o tipo de cinema do gênero que é feito no Brasil.

A) O "Monstro": objeto essencialmente assustador e impuro, o monstro nos filmes de terror costuma ser representado por seres que fogem da norma estabelecida. Possui características grotescas, desde a sua aparência ao seu comportamento. Extraterrestres, insetos gigantes carnívoros, demônios, etc.

B) O "Susto": assim como o monstro, o susto costuma estar diretamente associado aos filmes de terror, seja por um jogo de câmera bem realizado, uma trilha sonora bem feita ou pelo tom "documental/real" que algumas obras costumam se apropriar.

C) A "Expectativa": nem sempre o explícito é o protagonista nas obras de terror. A expectativa também é muito utilizada para causar tensão no espectador. Podendo reverter num susto ou não, a expectativa bem trabalhada pode ser muito eficiente e causar mais incômodo do que muitos "sustos".

Todos esses três elementos são comuns aos populares filmes de terror que estamos acostumados a assistir. Podendo estar separadas, mas muitas das vezes reunidas numa mesma obra, essas características traçam um parâmetro, definindo, de certa forma, o gênero. Ainda assim podemos entrar em conflito ao analisarmos filmes que não contém algum ou nenhum elemento supracitado. Será que então para fazer parte do gênero o filme deve se enquadrar nessas características?

A estrutura do filme de terror e a sua relativização para o gênero no Brasil

Segundo Noël Carroll em seu "A Filosofia do Horror ou Paradoxos do Coração", a narrativa dos filmes de horror se resume basicamente em três movimentos (o que ele chama de "*The Complex Discovery Plot*"): o acometimento inicial (*onset*), a descoberta (*discovery*), a confirmação (*confirmation*) e o confronto (*confrontation*).

Na maioria dos casos, o monstro é apresentado ao espectador a partir de algum acontecimento imoral ou repulsivo. Em seguida, o protagonista descobre a existência do monstro e faz de tudo para convencer os outros personagens de que existe uma ameaça a solta. A partir do momento em que há essa confirmação, o confronto toma conta da narrativa. Diversos exemplos podem ser citados aqui: *O Exorcista* (Dir.: William Friedkin,

1973), *A Hora do Pesadelo* (Dir.: Wes Craven, 1984), *O Chamado* (Dir.: Gore Verbinski, 2002), etc.

Se pararmos para analisar bem, essa estrutura pode estar presente mesmo sem que exista a presença de um monstro. A própria situação de delírio pode, dentro da dramatização, sofrer todas essas etapas narrativas.

Essa estrutura de acometimento inicial, descoberta, confirmação e confronto pode também estar presente de diversas maneiras, com cada uma das etapas sendo capaz de formar a ordem que for. Até mesmo a exclusão de uma etapa pode ocorrer, sem que o sentido da estrutura se altere. (CARROLL, 1999) Por exemplo: numa história, o confronto pode nunca acontecer, restando apenas as três etapas anteriores para dar conta da narrativa. Assim como podemos ver histórias sem a descoberta, onde todos os personagens são mortos ou acabam sem nunca de fato conhecerem o seu adversário.

A questão central aqui reside no fato dos filmes de terror brasileiros estarem geralmente ligados a outros gêneros (ou características) da linguagem cinematográfica. Na maioria desses filmes produzidos pela Boca do Lixo nas décadas de 1970 e 1980, por exemplo, o elemento erótico é sempre muito presente, assim como outros fatores, como a presença da mulher, estabelecendo laços muito fortes com a sociedade da época; a religião, tendo sempre sua cota reservada, seja através do cristianismo (cruz e imagens de jesus) ou do espiritismo (reencarnação, ritmos musicais afro e rituais); entre outros. Todas essas características de alguma forma influenciam na maneira em que a narrativa se constrói, tornando o cinema brasileiro, e mais especificamente o seu cinema de terror, singular e incomparável.

A fuga das convenções – uma análise fílmica.

Gostaria de analisar a seguir dois filmes e gerar uma discussão a cerca dessa limitação imposta e impregnada pelo senso comum.

Lá pelas bandas da Boca do Lixo, Jean Garrett –, diretor português radicado no Brasil –, começa a produzir filmes inseridos na estética em voga pela indústria da época, o erótico. O diretor resolve então, em seu quarto filme, abordar elementos sobrenaturais. *Excitação* (1976) é uma parceria com Ody Fraga, que escreve um filme que flerta com a ficção científica e faz um paralelo com o gênero terror, podendo também ser vinculado às pornochanchadas, é claro, já que em vários momentos a nudez e o sexo não explícito são explorados. Helena, interpretada por Kate Hansen, é uma mulher com problemas

psicológicos que é levada pelo marido até uma casa à beira-mar longe da metrópole. Neste ambiente, longe das lembranças que a levaram ao estresse, ela continua tendo alucinações, sempre encaradas com descrédito por seu marido ausente. A situação se complica quando o suicídio do ex-morador da casa começa a fazer parte das alucinações de Helena, o que resulta numa tensão extra, envolvendo ataques de eletrodomésticos e mortes misteriosas.

Até aqui nenhum dos três elementos que citei anteriormente ("monstro"; "susto"; "expectativa") se fez presente. Talvez a expectativa, porém com uma função de preservar o mistério. Finalmente, quando descobrimos ao final do filme que todos os fenômenos sobrenaturais eram oriundos de uma gambiarra tecnológica feita pelo marido, a aproximação com os elementos característicos do terror se torna ainda mais distante. Será então que *Excitação* não pode ser enquadrado no gênero terror? Apesar do filme de Garrett lançar mão do espiritismo e sugerir um efeito *poltergeist* (de poderes sobrenaturais), em nenhum momento nos é apresentado um monstro impuro e imoral. A estrutura da narrativa é bem tradicional, com elementos de casa mal assombrada e fantasmas muito vistos em filmes americanos. Entretanto, o foco recai sobre a agonia da protagonista, gerando um drama psicológico ao invés de um filme de terror habitual.

Outro exemplo que foge às convenções do horror cinematográfico é o *Filme Demência,* obra realizada por Carlos Reichembach em 1986, que por curiosidade também foi o diretor de fotografia de *Excitação*, o que nos dá uma impressão de continuidade de trabalho e rede entre esses profissionais da Boca do Lixo. A adaptação livre de *Fausto* impõe uma atmosfera de pesadelo desde o começo. A partir do momento em que a televisão fica fora do ar, o sonho ganha espaço para se materializar. O protagonista segue num estranho *road movie* e se posiciona de maneira apática a todos os prazeres carnais e situações "demoníacas" que o cercam pelo caminho. Marcas de cigarro com nomes oportunos da sua antiga empresa o perseguem durante toda a trama e personagens inverossímeis e absurdos atravessam sua jornada.

Aqui ainda não conseguimos enxergar claramente os três elementos. O monstro impuro e aterrorizante dá lugar a personagens ambíguos e misteriosos. O susto cede espaço ao absurdo das situações e da apática posição do protagonista. A expectativa nunca se firma como tensão, e todas as situações que poderiam ser revertidas num clímax aterrorizante são refutadas pela indiferença do personagem principal. Por que então poderíamos vir a classificar essas duas obras cinematográficas como filmes de terror?

As situações que mais costumam me deixar incomodado nos filmes são as que envolvem o elemento da alucinação. Seja por meio do sonho, por problemas (doenças) psicológicos enfrentados pelos personagens ou até mesmo através das drogas ou experiências científicas desastrosas, o fator humano e ambíguo das alucinações sempre me perturbou. Nesses casos, é como se a própria alucinação substituísse a necessidade de um monstro. O estado perturbado em que o personagem se encontra pode representar a monstruosidade comum presente nos filmes de horror. Nessa situação, o protagonista pode estar descontrolado, e suas ações representam uma ameaça aos outros personagens.

Usando o filme *Excitação* como exemplo, Helena, que já é apresentada pelo roteiro como uma mulher recém-saída do manicômio, começa a ter leves alucinações e seu marido recusa a acreditar nelas. O filme estabelece aí um jogo de incertezas que coloca a ameaça em dúvida. Ela está realmente tendo delírios ou está inventando tudo aquilo para chamar a atenção? Inclusive, outro fator também deve ser considerado: os fenômenos presenciados por ela também podem ser verdadeiros, transformando assim o que era apenas uma suposição em algo sobrenatural. No decorrer da trama, fica cada vez mais claro que Helena não pode estar inventando todas aquelas coisas, e cada vez mais a ameaça toma forma, seja através da alucinação (loucura), que pode resultar em tragédias realizadas pelo ser humano, como também em respostas sobrenaturais, respaldadas pela aura assombrada que a casa evoca.

Portanto, de uma maneira ou de outra, as alucinações podem sim provocar consequências desastrosas no mundo diegético do filme e assustadoras ao espectador. Não obstante, existe mais uma alternativa para enxergarmos a alucinação como um elemento de horror. Se encararmos as alucinações como geradores de elementos horríficos, podemos então criar diversas situações onde a monstruosidade ou qualquer outra característica fantástica/de terror resulte dessas próprias situações. Posto isto, os três elementos citados anteriormente (monstro, susto e expectativa) podem ser causados pela alucinação, e mesmo que descubramos que esses elementos sejam provenientes única e exclusivamente do fator humano, a sua aparição não pode ser deixada de lado, e o efeito causado no espectador deve ser considerado. Assim, as alucinações, trabalhadas da maneira certa, tem o poder de ocupar o lugar de qualquer outra característica monstruosa do cinema de horror. Em *Filme Demência*, por exemplo, os delírios (sonho) do protagonista geram todos os elementos sobrenaturais da história, compondo a narrativa com alguns objetos característicos dos filmes de terror (como a figura do Diabo, em dado momento da trama).

A Mulher do Desejo: uma combinação de elementos

Osman é um velho rico e solitário que deixa em testamento sua casa em Ouro Preto e outros bens para o sobrinho Marcelo e sua jovem mulher Sônia, que conheceu apenas pela foto de casamento. O casal muda-se para a velha mansão e ali encontra um sombrio mordomo que o testamento proíbe de dispensar. Fatos estranhos começam a acontecer: enquanto a casa parece adquirir vida própria, a personalidade de Marcelo sofre radical transformação. Ele passa a assimilar os velhos hábitos do tio e até mesmo suas características físicas. Ao final, descobre-se que o espírito de Osman apossou-se do corpo de Marcelo, pois foi atraído pela beleza de Sônia, que o remetia ao seu amor de juventude.

Carlos Hugo Christensen manipula em *A Mulher do Desejo* (1975) diversos elementos interessantes para se discutir o gênero terror no brasil. Com um misto de terror tradicional – fincado nas raízes da casa mal assombrada que evoca espíritos do além –, e drama psicológico, o filme explora desde elementos clichês de filmes de terror, como o mordomo misterioso e a mocinha indefesa até aspectos complexos de crise de identidade e possessão espiritual. Sempre calcado na ambiguidade entre o sobrenatural e a possibilidade de tudo não passar de uma alucinação/distúrbio mental (ou de um sonho), os personagens vão se embrenhando em situações onde seus limites são testados e o inexplicável toma lugar na atmosfera. Osman, Marcelo e "Osman-Marcelo" são interpretados por José Mayer, que bem caracterizado faz com que os três personagens pareçam tão distintos no primeiro momento e logo depois impossíveis de se distinguir. O tom que o ator dá para sua interpretação é crucial para que o espectador nunca deixe de se perguntar sobre o que exatamente se trata a história: um homem sendo possuído pelo espírito do tio; um distúrbio de personalidade; uma alucinação dos personagens; um sonho de Sônia.

São esses elementos ambíguos, característicos do gênero no Brasil, que dão vida às discussões sobre o que deve ou não ser considerado terror. Sem eles, nosso cinema seria mais um rebento do cinema internacional vigente, ou para ser mais extremo e fatídico, talvez nem existisse.

Considerações finais

Desde que descobri a pluralidade do gênero terror no Brasil pude fugir do aprisionamento que os clássicos do Mojica exerceram em mim através dos anos. Sim, o cinema de terror brasileiro vai muito além das histórias contadas através da habitual figura do Zé do Caixão, com suas unhas e aparência assustadoras. Foi assistindo aos filmes que

consegui identificar elementos de aproximação com a aura do horror artístico, mesmo estes tendo sido condenados à limitação imposta pelo enquadramento nos gêneros drama e erótico, sendo desconsiderada a sua imensa aproximação com o terror. Esses elementos são facilmente encontrados nos filmes brasileiros entre 1970 e 1980, como por exemplo em *Amadas e violentadas* (Dir.: Jean Garrett, 1975), *Bacalhau* (Dir.: Adriano Stuart, 1976), *Seduzidas pelo demônio* (Dir.: Rafaelle Rossi, 1977), *As filhas do fogo* (Dir. Walter Hugo Khouri, 1978), *A força dos sentidos* (Dr.: Jean Garrett, 1979), *Liliam, a suja* (Dir.: Antônio Meliande, 1981), *O segredo da múmia* (Dir.: Ivan Cardoso, 1982).

Seria muito ingênuo achar que no Brasil, país de fortes tradições e com um folclore tão difundido, o gênero terror não seria explorado em larga escala pelos cineastas e consumido vorazmente pelos seus espectadores. Apesar de encontrarmos pouquíssimos filmes rotulados como terror no Brasil – geralmente esses filmes são classificados apenas como drama – pudemos perceber que, ao deixarmos de lado as convenções pré-estabelecidas dos seus elementos e características, conseguimos enxergar sua quantidade de maneira muito mais expressiva. A partir do momento em que abraçamos esses fenômenos da loucura, seja ela através da figura do "monstro" ou de uma alucinação, podemos entender que essas obras dialogam direta ou indiretamente com o terror, tratando o gênero de maneira muita mais expansiva e livre de qualquer aprisionamento artístico.

REFERÊNCIAS

ABREU, Nuno Cesar Pereira de. **Boca do Lixo: Cinema e Classes Populares**. Campinas, 2002.

BARCINSKI, André; FINOTTI, Ivan. **Maldito – a vida e o cinema de José Mojica Marins, o Zé do Caixão**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

BERNARDET, Jean Claude. **Cinema brasileiro, propostas para uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAETANO, Daniel. **Filme Demência**. Disponível em <http://www.oocities.org/contracampo/filmedemencia.html>. Acesso em: 9 jul. 2013.

CÁNEPA, Laura Loguercio. **Medo de quê? – Uma história do horror nos filmes brasileiros**. Campinas, SP: [s.n.], 2008.

CARROLL, Nöel. **A filosofia do horror ou paradoxos do coração**. Campinas: Papirus, 1999.

DELUMEAU, J. **A história do medo no ocidente**. São Paulo: Cia das Letras, 2001. 472 p.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

GARDNIER, Ruy. **Jean Garrett, artesão da Boca do Lixo.** Disponível em <http://www.contracampo.com.br/36/jeangarrett.htm>. Acesso em: 9 jul. 2013.

MARSON, Melina. **Cinema e políticas do Estado: da Embrafilme à Ancine**. São Paulo: Escrituras, 2010.

ORMOND, Andrea. **Excitação**. Disponível em <http://estranhoencontro.blogspot.com.br/2009/02/excitacao.html>. Acesso em: 9 jul. 2013.

ORTIZ RAMOS, José Mario. **Cinema, televisão e publicidade: Cinema popular de massa no Brasil nos anos 1970-1980**. São Paulo: Annablume, 2004.

REICHENBACH, Carlos. **Depois do vendaval**. Disponível em <http://www.revistacinetica.com.br/embrafilmecarlao.htm>. Acesso em: 9 jul. 2013.